

# I — ESPIRITUALIDADE

## Reflexões acerca da Prática da Espiritualidade

Carlos Arthur Dreher

Quando fui convidado a escrever sobre o tema da espiritualidade, minha primeira reação foi negar o convite. Não que o tema não me pareça importante. Pelo contrário, ele me envolve totalmente e me é de tal modo importante que me parece temerário abordá-lo sem o conhecimento aprofundado da pesquisa e do estudo que lhe faz a Teologia Prática.

Em outras palavras, falta-me a teoria acerca do assunto. Teorizo-o a partir de minha prática como pastor, como professor, como assessor de cursos bíblicos. Sou biblista. Dedico-me com intensidade ao estudo da Bíblia, a partir das perguntas que brotam da realidade. Estas perguntas me são trazidas por uma infinidade de grupos, que se reúnem em torno do estudo bíblico e, ao fazê-lo, praticam uma profunda espiritualidade. E tenho refletido sobre esta prática espiritual que brota da Bíblia, da vida, e dos conflitos presentes na vida. Mas nunca me dediquei ao tema com a intensidade e a profundidade que esta revista requer.

Não obstante, deixei-me convencer de que minhas idéias acerca do tema pudessem contribuir para a sua discussão. Assim, o que segue não pretende ser um artigo que trate sistematicamente do tema. São idéias soltas, reflexões, colhidas aqui e ali, em meio a minha prática pastoral em comunidades da IECLB, a meu trabalho como professor na EST, e a minhas assessorias junto a grupos, muitos e diferentes grupos de estudo bíblico.

Ainda uma palavra acerca destes grupos, dos quais em especial brotam minhas reflexões. São grupos variáveis, dinâmicos, porque em constante mutação. Variam em número, variam em pessoas, e até mesmo em interesses específicos. O que os une é o traço comum do estudo da Bíblia, feito com olhos atentos à realidade, surgido de perguntas que brotam da vida. Em geral são ecumênicos. Não têm a marca da identidade confessional das comunidades eclesiais. Aliás, não formam o que se poderia chamar propriamente de comunidade. Formam-se a partir das comunidades. Representam-nas. Mas não têm, como tais, a história pregressa típica das comunidades. São grupos efêmeros. Muitas vezes não duram mais que um encontro de dois dias ou pouco mais. E apesar disso, mesmo em meio a essa diáspora, formam um corpo, pela comunhão de interesse, pela comunhão de jornada, pela comunhão de fé.

No que segue, tento, junto e a partir destes grupos, refletir sobre quatro aspectos que me parecem fundamentais. Em primeiro lugar, busco ten-

tar tecer algumas considerações sobre os efeitos e conseqüências de uma prática espiritual séria. Em seguida, preocupo-me com a tentativa de controle exercida pelas comunidades eclesiais sobre a espiritualidade de seus membros. A materialidade da espiritualidade, isto é, a celebração das diversas dimensões da vida material, é meu assunto seguinte. Por último, abordo questões pertinentes a uma espiritualidade ecumênica.

Difícil é concluir. Os retalhos ainda não estão costurados numa só colcha. A prática os vai alinhavando. O futuro deve dar forma ao conjunto.

## 1. Efeitos e Conseqüências da Prática Espiritual

Apesar da crítica de Jesus a Marta (Lc 10.38-42), nunca consegui satisfazer-me totalmente com a posição de Maria. Sem dúvida, a contemplação é fundamental para a vida de fé. E também está claro que o ativismo normalmente não leva a lugar nenhum. Todavia é importante considerar que a narrativa sobre Marta e Maria está situada entre a parábola do Bom Samaritano e a temática da oração, na qual se inclui o Pai Nosso. A perícopé encontra-se, pois, entre ação e oração, ou, poder-se-ia dizer, entre ação e contemplação.

Esta relação entre a narrativa e seu contexto sempre me leva a pensar que a atitude de Maria não pode ser absolutizada. É de se esperar que a Palavra de Jesus a impulse para a ação. E tal ação não será mais, de modo nenhum, igual à de Marta. Será uma ação refletida, pensada a partir da palavra ouvida. É o que falta a Marta. No seu corre-corre, não pára para pensar sobre sua ação e sobre a que ela leva. O acento da narrativa está, pois, na crítica ao ativismo de Marta.

E Maria? Escolheu a boa parte, sim. Alimenta-se da Palavra. Medita a respeito. Mas, se ficar só nisso, pode errar o alvo. Tal qual o intérprete da lei que sabe o que é necessário fazer para herdar a vida eterna (Lc 10.25ss.), mas não sabe *como* fazê-lo, ou não se atreve a tentar. Uma mistura de Maria e Marta será, portanto, o desejável. Contemplação e ação precisam completar-se. É assim que se constrói sobre a rocha: ouvindo e praticando a Palavra de Jesus (Lc 6.46-49).

Penso, então, que é entre Maria e Marta que se move a espiritualidade de cristã. Dela faz parte tanto o momento contemplativo — a meditação, a oração, o canto, o louvor, enfim, tudo o que perfaz nossa vida de culto — quanto o momento da ação, que brota daquela vida de culto, e que dela se alimenta constantemente.

Não há dúvida de que, na comunidade, existem muitas apenas Martas e também muitas apenas Marias. Contudo, as Marias-Martas vão aparecendo, e vão sendo colocadas diante de decisões que implicam novos desafios. E, em relação às atitudes que tomam, vão surgindo críticas, questionamentos, mas também apoio e encorajamento. Tudo isso também ocorre em rela-

ção às apenas Martas e às apenas Marias.

Não quero me ater à apreciação de todas elas. Estou interessado nas Marias-Martas, em especial na comparação com as Marias. Isso, porque me parece que é entre ambas que se trava a discussão sobre o que é e o que não é espiritualidade.

Poderia tomar muitos exemplos como base para essa comparação. Escolho um, porque tem marcado minha reflexão nos últimos meses. Trata-se de uma canção, uma bela e empolgante peça litúrgica, que ouvi pela primeira vez na auto-apresentação feita pela IECLB, por ocasião da VIII Assembléia da Federação Luterana Mundial, em Curitiba, no princípio deste ano. Apesar de a canção encerrar a peça teatral, que retratava nossa Igreja, numa apoteose bastante idealizada e irreal, ela me impressionou. Não apenas por letra e música, mas principalmente por ser de autoria de um compositor gaúcho “secular” e “profano”, Hermes Aquino. As aspas não pretendem ser um julgamento sobre a piedade e a vida de fé do autor, mas uma constatação acerca de sua obra; uma vez que não se trata, ao menos sabidamente, de um compositor de música sacra. Em si, a surpresa era mesma que a de ver Elaine Geissler e Dante Ledesma cantando a liturgia e outras canções da igreja com tanta empolgação e maestria. Gosto dos três, e vibrei com os três, mais o Grupo Latinoamérica.

Mas vejamos lá, de Hermes Aquino, a letra da música-tema da Assembléia:

Vamos, unidos em Cristo, achar a resposta,  
Buscar a justiça e a paz;  
Participar desta luta, mãos dadas,  
Com a vida e a fé que o Evangelho nos traz.  
Contra a fome e a pobreza,  
Só resta a certeza  
De um caminho novo:  
Ouvi o clamor do meu povo!  
Eu ouvi o clamor do meu povo!  
Somos milhões de pessoas, unidas em Cristo,  
Querendo ao irmão ajudar;  
Todos mãos dadas, num elo,  
Formando uma bela corrente de amor para dar.  
Deus, nosso Pai, nos inspira  
E Cristo nos guia  
E ensina de novo:  
Ouvi o clamor do meu povo!  
Eu ouvi o clamor do meu povo!

Uma canção nunca consegue dizer tudo. Mais alude que explicita. Também esta é assim. Se observo a letra, percebo uma inequívoca relação entre Antigo e Novo Testamento. Cristo nos guia e ensina de novo aquilo que em Êxodo 3 já estava claro: Deus ouviu o clamor do seu povo. E a canção convoca a participar desta luta, a partir daquilo que o Evangelho nos traz. E o fundamental é repetido: Ouvi o clamor do meu povo!

Não consigo transpor aqui, no papel, a melodia. Mas imagino que, no momento, em muitas casas o disco ou a fita estão tocando, e que centenas de pessoas estão se deliciando com ela. É possível até que muitas pessoas estejam usando os recursos disponíveis para ensinar a canção às suas comunidades. Isso é bom e bonito. Enriquece a liturgia. O culto fica moderno e vibrante.

Contudo, é de se perguntar, se foi este o objetivo de quem compôs a canção, ou de quem propôs o tema ao compositor. Não quero diminuir o valor da música em si. Não duvido do conforto e da paz interior que belas composições musicais podem trazer. Muito menos desmereço a utilização de recursos artísticos para veicular a mensagem evangélica. E, todavia, qual é o efeito que se espera da canção?

Em todo caso não será só o de figurar ao lado de Bach e de outros na discoteca lá de casa. Nem apenas o de abrilhantar os cultos, em especial o culto jovem. A letra é pregação. É Palavra que não quer voltar vazia.

Não quero crer — e entristece-me até a idéia de que isso seja possível — que a canção tenha sido composta apenas para mostrar uma IECLB moderna, engajada e libertadora aos participantes da Assembléia, os quais, provenientes das mais diferentes partes do mundo, ali estavam para debater o tema do “Clamor do meu povo”. Muito antes, penso e creio que, com a canção e muitas outras coisas mais, a IECLB assumiu esse “ouvir o clamor”. E, ao assumi-lo, fê-lo, mais do que nunca, parte integrante de nossa confissão de fé e de nossa prática espiritual. Outra alternativa seria “para inglês ver”!

E agora? Onde fica a prática espiritual em meio a isso? Como Maria, poder-se-ia ficar a ouvir continuamente a canção, vibrar com ela, reencontrar nela boa parte do conteúdo das Escrituras, alegrar-se com isso. Claro, também isso é espiritual. E também o é com tantas outras canções, gravuras, pinturas, poemas, textos e narrativas. Mas não é só isso. É também atender ao convite. Aceitar o desafio de “achar a resposta, buscar a justiça e a paz; participar desta luta... contra fome e a miséria”, e, principalmente, o de “ouvir o clamor do meu povo!”

E aí aparece a Maria-Marta. Tocada pelo convite, ela vai adiante na prática de sua espiritualidade. Ela percebe que Cristo não se conforma com a fome e a pobreza, com a injustiça e falta de paz. E vai à luta. Tenta buscar aliadas na comunidade, encontra companheiras fora dela: no grupo de mulheres, na associação de moradores, no sindicato, no partido político, e em tantos outros lugares. E vai praticando sua espiritualidade adiante, também fora da comunidade. Com outras pessoas, vai buscando achar “um caminho novo”. E usa os recursos da ciência, da experiência dos grupos que vai encontrando, e arrisca uma nova prática, na qual nem sempre se tem tempo para celebrar e meditar. E mesmo assim, o faz, porque celebrou e meditou anteriormente. Porque se sente movida por Cristo, que não quer fome e pobreza, mas um caminho novo. Claro, ela sabe que não é ela que

vai fazer o caminho. Nem pretende tanto. É só que, impulsionada pelo que ouviu aos pés de Jesus — por que não dizer impulsionada pelo Espírito? —, não pode mais ficar sentada, contemplativa, mas precisa, precisa praticar sua espiritualidade.

## **2. O Controle da Espiritualidade por parte das Comunidades**

Nem sempre Maria-Marta encontra apoio e estímulo na sua comunidade de origem. Isso é lamentável. Afinal, foi lá, na comunidade, que ela aprendeu seus primeiros passos. Foi lá que ela se sentiu desafiada, espiritualmente, para uma prática fraterna em relação aos menos favorecidos. Foi lá que ela escutou pela primeira vez que Deus ouviu o clamor do seu povo. Seria de esperar que a comunidade que lhe abriu os olhos para o mundo, com seus problemas e conflitos, e lhe mostrou propostas de soluções, a acompanhasse também agora.

É gratificante saber que muitas comunidades o fazem. Acompanham suas irmãs e irmãos que se vão engajando em propostas concretas por transformação de um mundo injusto e bem pouco fraterno. Não obstante, também nessas comunidades surgem problemas para Maria-Marta. É que elas se preocupam tanto com ela, que ficam aflitas, quando a perdem de vista. É comum que não a vejam mais. Seu engajamento é crescente. Em decorrência disso, ela participa aqui e ali de reuniões, de cursos, de seminários, nos quais pessoas se encontram para aprimorar sua prática. E aí, Maria-Marta não consegue mais estar sempre presente nas reuniões de sua comunidade de origem. E a comunidade, aflita, começa a pensar que ela se perdeu.

Penso que nossas comunidades (e agora estou pensando de modo ecumênico) são profundamente pragmáticas. Medem demais sua vida de fé com números e estatísticas. Uma comunidade viva se caracteriza por templos e capelas cheios, ou, no mínimo, bem freqüentados. A participação em cultos e ofícios é termômetro para a espiritualidade de seus membros. Casa cheia, fé intensa; casa vazia, fé vacilante.

É até possível que muitas vezes seja assim. A pequena freqüência pode significar debilidade espiritual dos ausentes. Há que verificá-lo. Pode também ser problema do pastor. O que faz não alcança a resposta esperada. Pode ser que se trate também de uma resposta frontalmente negativa. Mas não se deveria perguntar aí mais pela eficácia do pastor, do que pela fé dos paroquianos?

Pode, porém, ser nem uma coisa, nem outra. Pode que Maria-Marta não tenha vindo ao culto, à meditação, à reunião, exatamente por estar em algum outro lugar, praticando o que ouviu de Cristo. Não veio servir a Deus aqui, porque estava a servi-lo ali. E ali onde estava, praticava uma espiritualidade tão profunda e tão séria, ou até mais, quanto aquela que acontecia no ofício dominical.

Tenho experimentado esse problema em meu trabalho com grupos de estudo bíblico, tanto pessoalmente quanto por parte de pessoas que deles participam. Minhas assessorias a tais grupos são freqüentes, especialmente na atividade que desenvolvo de momento. Às vezes são tão freqüentes que, durante um mês inteiro, não passo fim-de-semana em casa. É normalmente nos fins-de-semana que leigos encontram tempo para reunir-se para o estudo da Bíblia. Estas pessoas, além de participarem destes cursos e seminários, geralmente utilizam outros fins-de-semana para multiplicar o trabalho bíblico junto a outros grupos em suas regiões. E em todo esse tempo, estamos fora de nossas comunidades de origem.

No entanto, mesmo longe de nossas comunidades, celebramos nossa fé. E não só uma, mas duas, três vezes, se não o fazemos constantemente em nossa abordagem do texto. É importante que se diga aqui: não se trata de um estudo acadêmico, nem de aquisição de conhecimento científico especializado. Trata-se da busca constante por iluminação bíblica para os problemas e conflitos da realidade. É em função da vida que se estuda a Bíblia. Porque se crê, profundamente, que a Palavra nela contida pode transformar o mundo, de maneira concreta e real. É neste sentido que cada pergunta, cada reflexão, cada descoberta é celebração, é prática de espiritualidade. E esta espiritualidade cria, ali, naquele encontro, uma comunidade. Uma comunidade que se dissolverá, quando terminar o encontro. Dificilmente tornará a reunir-se como o foi naquela vez. Mas mesmo longe, os seus membros se sentirão unidos pela fé e pela proposta.

Não haveria nada de errado nisso, se as comunidades de origem compreendessem tal ausência. No entanto, tenho ouvido de muitos participantes de grupos a difícil e sofrida experiência de ser recebido como pobre ovelha perdida, por ocasião dos retornos possíveis à comunidade de origem. É doloroso sentir-se como alguém faltoso em relação ao cultivo da espiritualidade, exatamente quando a ausência ocorreu por causa dela. É aí que reside o que chamo de controle da espiritualidade, um controle injusto e injustificado exercido pela comunidade sobre alguém que nada mais faz do que levar a sério o que ouviu aos pés de Jesus.

Um outro aspecto precisa ser considerado neste contexto. A partir das reflexões desenvolvidas nas Comunidades Eclesiais de Base, muitos de seus integrantes se sentiram motivados a se engajarem em atividades extra-ecliais, que visassem a transformação da sociedade. Tal motivação era um reflexo claro de análise da realidade e de sua iluminação bíblica, ocorridas no seio das próprias comunidades. Sentia-se a necessidade de agir concretamente, a partir da fé, com vistas à construção de um mundo mais fraterno.

Várias destas pessoas assumiram a atividade política. Deixaram-se lançar candidatos a diferentes cargos eletivos, em nome e em representação de suas comunidades. Muitos foram eleitos, e assumiram seus mandatos em responsabilidade para com seus grupos de origem. Contudo, a nova atividade as absorveu de tal modo, que não lhes sobrava tempo para partici-

par das celebrações de suas comunidades. Não haviam abandonado seu compromisso com elas. Desempenhavam a tarefa que lhes fora confiada, em conformidade com a proposta original.

A surpresa foi que muitas daquelas comunidades passaram a ver seus representantes com desconfiança. Agora que eram importantes, não tinham mais tempo para seus grupos. Negavam suas origens. Não cultivavam mais sua espiritualidade. Desligavam-se da vida de fé que outrora haviam compartilhado.

Não me parece que isto seja verdade. Não posso duvidar de que, em alguns casos isso tenha ocorrido. Afinal, a força corruptora do poder é uma tentação constante. Mesmo assim, tenho percebido que também neste caso muitas comunidades cometem injustiça ao não se conformar em não terem mais condições de controlar a prática espiritual destes seus representantes. Vejo sinceridade e dedicação em um enorme número deles. E me deixo convencer, realmente, de que a responsabilidade para com o desempenho de suas funções — honestas em relação ao povo que lhes delegou a tarefa e os elegeu — não lhes dá trégua. Em decorrência disso, seus momentos livres para contemplação e prática espiritual em comunidade se tornam reduzidíssimos.

Pode-se esperar outra coisa? Não se podia imaginar que seria assim? A proposta brotou da comunidade. É exercida em seu nome. E a tarefa é secular! Estas pessoas não foram escolhidas para desenvolver uma atividade pastoral, no sentido eclesial do termo. Mas assumiram a tarefa, por causa de sua fé. Foi sua prática espiritual que as levou a tomar tal decisão. Agora, por um bom tempo, até que — e quanto isso demora! — os objetivos sejam alcançados, vão ter muito pouco tempo para celebrar, meditar e contemplar.

Por tudo isso, mais que criticá-las, há que apoiá-las. Orar por elas e recebê-las com alegria, quando podem estar conosco. Não são ovelhas perdidas. A missão que lhes foi confiada apenas as afastou temporariamente do rebanho.

Um sem-número de outros casos poderiam ser avaliados. Há pessoas que, movidas por sua fé e suas comunidades, estão metidas até o pescoço em atividades semelhantes: em sindicatos, em grupos de solidariedade, em movimentos populares, etc. E onde for possível, tenham certeza, celebram sua fé, celebram suas lutas, suas derrotas e suas vitórias. São Marias-Martas que, pelos tempos que vivemos, precisam ser mais Martas que Marias, fiéis ao que ouviram aos pés de Jesus.

### **3. A Materialidade na Espiritualidade**

Os grupos dos quais falo celebram a vida à luz da Palavra de Deus. Nisto consiste basicamente sua espiritualidade. Não lêem a Bíblia pela Bíblia. Lêem-na, buscando respostas para perguntas que brotam da realidade.

de em que vivem e atuam. No centro de sua atenção está o mundo do trabalho, da luta pela sobrevivência. Este mundo está marcado por conflitos: conflitos do ser humano com a natureza e conflitos entre os próprios seres humanos.

Tais conflitos levantam perguntas, uma infinidade de perguntas. São perguntas acerca de salário, de pão, de roupa, de casa, de terra, da relação entre mulher e homem, da relação entre raças, da relação entre classes, e muitas outras. São perguntas bem concretas. Têm a ver com questões materiais urgentes, que clamam por respostas e soluções.

Há diferentes possibilidades de responder a estas questões. Pode-se compreender o mundo de modo funcionalista. Ele é assim. Os conflitos lhe são inerentes. Culpa do pecado humano. Não há o que mudar. Pode-se compreender o mundo de modo dialético. Aí há que entender os conflitos, buscar suas causas e tentar removê-las. Quer-se, e crê-se que seja possível, transformar o mundo.

Pode-se também responder a estas questões, sem fazer uso da Bíblia. Pode-se até afirmar que a fé não tem nada a ver com isso. São questões materiais, e o que importa é o espiritual.

Pois tais grupos descobriram que a Bíblia não esconde os conflitos do mundo. Pelo contrário, revela-os. Fala deles de modo concreto. Fala do mundo do trabalho. Fala dos escravos do Egito. Fala de reis opressores e de seus adversários profetas. Fala de um homem pregado na cruz, com pregos nas mãos e nos pés, e coroa de espinhos na cabeça. E fala principalmente de um Deus que detém toda a sua atenção nos fracos, nos sofridos, nos torturados, nos empobrecidos. Fala que este Deus ouve o clamor dos escravos. Não só ouve. Vê, e desce das alturas para tirá-los da opressão. Fala que esse Deus está na cruz, crucificado, e do lado de todos os crucificados do mundo. Fala que esse Deus se agrada da vida, e a quer para todos. Por isso, sempre que a morte ameaça, ele se coloca do lado dos ameaçados. Toma partido. É isso: trata-se de um Deus partidário e parcial nos conflitos do mundo.

E tais grupos percebem respostas às perguntas que brotam da realidade, ali na Bíblia. Já liam a Bíblia antes de fazer tal descoberta. Mas quando o descobriram, passaram a lê-la com maior afinco. E perceberam que Deus não está preso na Bíblia, lá no passado, mas continua vivo e atuante também hoje. E passaram a celebrar intensamente esta verdade.

Aí o material e o espiritual vão se misturando, como na Bíblia. Fala-se muito em celebrar a luta: a luta dos pobres por um pedaço de terra, a luta por teto, pão e vestimenta, a luta das mulheres, a luta dos negros, e tantas outras lutas. Fala-se em celebrar o trabalho, especialmente aquele trabalho miúdo que quase ninguém vê. Deus vê e ouve o trabalho miúdo e sofrido das pessoas. E aí a gente também começa a percebê-lo.

É tão comum ligar-se a espiritualidade com a criação de Deus. Aliás, quase não há manual de catequese que não fale das borboletas, das flores e dos passarinhos, criados por Deus. Tão pouco se fala do trabalho feito



pelo homem, criado por Deus. Por que se fala tão pouco destas coisas materiais, e tão significativas?

Enquanto escrevo, começo a olhar ao redor, e vejo uma infinidade de objetos que diariamente tomo por normais, que estão aqui, à minha disposição. E começo a pensar o que está por trás de cada um destes objetos. A cadeira, sobre a qual me sento, a escrivaninha, a máquina de escrever, a folha de papel, os livros... Quanto trabalho há por trás de cada uma destas coisas? Quem fez a cadeira? Quanto trabalho lhe custou? Quanto ganhou para fazê-la? (Quanto ganhou quem a vendeu?) Onde está este artista incomparável, capaz de fazer uma cadeira? Qual é o seu nome? Onde mora? Como vive?

Normalmente é tido como um João-Ninguém, que não foi bom que chega para fazer coisa melhor. Nosso universo ideológico-cultural nos ensinou a respeitar e valorizar as grandes idéias, as grandes invenções, as belas palavras. E foi nos levando a esquecer o trabalho, o trabalho manual, esta coisa para ser feita por negros e imigrantes, como o queriam nos tempos da colônia e do império; para ser feita por gente que não tem dinheiro para cursar uma escola de elite, como querem nos fazer entender hoje. Coisa de ignorantes.

E aí me lembro de uma passagem de um livro que não tenho cá em minha estante. Trata-se de “Viva o povo brasileiro”, de João Ubaldo Ribeiro. Deveria citá-lo. Peço-lhe desculpas e lhe tomo a imagem emprestada.

Pois, numa certa altura do romance, ele nos conta que um pelotão do glorioso exército brasileiro é capturado pelo exército do povo, que luta ao lado dos seguidores de Antonio Conselheiro, em Canudos. O exército do povo é comandado por uma mulher. Ela preside o julgamento dos soldados capturados. Só que logo de início, o oficial que comandava o pelotão, indignado, se levanta para dizer que não admite ser julgado pelo povo ignorante. A comandante popular revida de imediato, perguntando: “O senhor sabe fazer as botas que calça? O senhor costurou o uniforme que usa? Fez o tecido? Fabricou as armas que utilizava contra o povo? Pois, se não fez, nem sabe fazer, ignorante é o senhor. E fique sabendo que tudo isso é trabalho do povo, a quem o senhor combate e chama de ignorante!”

É uma imagem magistral. Devolve a dignidade a quem está cansado de vê-la pisoteada. E nos leva a pensar, se já não vai longe a hora de aprendermos a nos maravilhar diante da arte dos trabalhadores.

E tudo isso há que celebrar, que meditar. E há que responder a pergunta gritante: Que é que Deus, o Pai de Jesus Cristo, tem a ver com a marginalização, a pobreza, a fome, a desconsideração destes artistas? Há como dizer que preocupação com esta pergunta não seja profundamente espiritual? Há como negar que uma opção por estes pobres de Javé e o conseqüente engajamento ao seu lado não seja prática da espiritualidade? Há como separar o espiritual do material?

#### 4. Uma Espiritualidade Ecumênica

Na prática da leitura bíblica junto ao povo, e no próprio movimento popular, o espírito ecumênico é crescente. E cresce principalmente porque os problemas e as perguntas do povo são comuns. Independem de confissões. Há católicos, protestantes históricos e até pentecostais no movimento dos Sem-Terra. Os conflitos do mundo perpassam as igrejas.

Em decorrência disto, também o estudo, a busca por respostas e por práticas comuns crescem entre as pessoas que acompanham tais grupos e movimentos. É comum que eu seja convidado a assessorar grupos compostos exclusivamente por irmãs e irmãos católicos. Outros colegas também passam por esta experiência. É igualmente comum que estes grupos comecem cada vez mais a abrir-se ecumenicamente. Querem conversar, dialogar, estudar junto com luteranos, metodistas, presbiterianos anglicanos, batistas, e também com pentecostais.

Falam aí de ecumenismo de base. É o jeito de dizer que não estão preocupados com questões dogmáticas e doutrinárias. Já se aperceberam de quanto é difícil este caminho. Querem compartilhar as experiências de trabalho junto ao povo, com o povo. Querem comungar uma leitura bíblica que privilegie a ótica dos oprimidos, porque entendem que a opressão também perpassa as igrejas.

E buscam celebrar o que têm em comum. Respeitam as diferenças, mas insistem em partilhar a esperança de um mundo novo.

Tenho me apercebido de que este compartilhar ecumênico me leva a descobrir minha identidade confessional. Lembro-me de ter ouvido muitas vezes a insistência em conhecer primeiro a minha Igreja e suas bases confessionais, para depois buscar o caminho ecumênico. Minha descoberta é, em parte, oposta a isto. Percebo que é exatamente o confronto e o diálogo com irmãs e irmãos de outras confissões que me tem levado a clarear minha confessionalidade. A cada encontro me descubro um pouco mais luterano. Perguntas e dúvidas levantadas por pessoas de outras denominações me fazem descobrir mais claramente o que o luteranismo tem de próprio, e, mais, o que tem de contribuição fundamental a dar nesse diálogo. — Já me perguntaram se não estava me tornando católico de tanto trabalhar com eles. Não tenho medo disso. Ao contrário, sinto cada vez mais, na maneira como me aceitam, que tenho algo a contribuir neste diálogo, exatamente por ser luterano. E já não vejo o ser católico ou luterano como barreira ou até barricada. Vejo-o muito mais como chance de corresponder às perguntas e inquietações que brotam da fé do povo.

É claro que nem tudo é cor-de-rosa neste ecumenismo. Há problemas, há dificuldades. Há receios de que grupos confessionais tenham aspirações hegemônicas. Há, de fato, marginalização de minorias por parte de maiorias, também de protestantes a protestantes. Há dificuldades dogmáticas e doutrinárias.

Falo aqui só da dificuldade maior. Trata-se da celebração da Eucaristia, da Santa Ceia. Não há nada que doa mais do que a tristeza de não poder compartilhar o sacramento da unidade, entre pessoas que se sentem tão próximas. É o lugar no qual a instituição atua como opressiva. A doutrina e o dogma se sobrepõem à fraternidade. E aí só se pode celebrar a dor, o corpo dividido.

Esta celebração da dor é a prática espiritual mais complicada. É, por assim dizer, o absurdo espiritual. É preciso ler 1 Co 11 pelo reverso, para poder chegar perto do real significado disto. Onde a comunhão real e verdadeira acontece na vida, a doutrina se impõe como aquela que separa e divide. Pessoas irmanadas pelo desejo de servir a Cristo na defesa dos pobres, dos fracos, dos injustiçados, não podem comungar na Santa Ceia. E lá, onde injustiçador e injustiçado estão inscritos no mesmo rol de membros, isso é feito possível pela doutrina.

Este impasse sofrido é o que mais tem colocado barreiras para uma espiritualidade ecumênica. Enquanto ele persiste, só é mesmo possível continuar a cantar o canto do Senhor em terra estranha.